



Biograph



FORMAÇÃO ENTRE DUAS ERAS: O DESAFIO DO PROFESSOR DO MIMIÓGRAFO COM O ALUNO DO ZAP ZAP

Rony Henrique Souza

Secretaria da Educação do Estado da Bahia

Colégio Estadual Professor Edgard Santos

rhsacaminho@hotmail.com

Tereza Verena Melo da Paixão Sampaio

Universidade Federal da Bahia

Colégio Monsenhor Neiva

verena_sonho@hotmail.com

Em meio às mudanças e incertezas...

Nos últimos 50 anos o mundo passou por transformações tão rápidas nunca vistas na história. Desenvolvemos em tão pouco tempo o que não desenvolvemos em todo o percurso da humanidade. Saímos de um ambiente extremamente rural para um urbano industrial. Temos tecnologias hoje, por exemplo, que há 10 anos não eram nem imaginadas e também não sabemos do que será de nosso mundo daqui a 10 anos a frente. Fomos formados em uma era, trabalhamos em outra para formar para a outra. Aqui paira as incertezas.

As inovações tecnológicas estão em um processo gradativo de incorporação, visando atender às constantes transformações na cultura social. Fazem parte de um processo muito rápido de inovação, de modo que nem todos – a grande maioria – se sentem preparados para lidar com suas potencialidades e limitações. Elas tem suscitado mistérios, dúvidas, indagações e, principalmente, resistência nos professores e alunos, de modo geral; mas, outros estão envolvidos, como coordenadores, diretores e inclusive os pais de alunos (SANTOS, 2003, p.91).

O artigo em questão tem a pretensão de se voltar para a história de uma professora/coordenadora que trabalha na Secretaria da Educação de Cruz das Almas e Cabaceiras do Paraguaçu, cidades do Recôncavo da Bahia. A pedagoga Maria conviveu

nestas duas eras e ainda forma para uma nova era. Ou seja, trás consigo os dilemas oriundos do tempo. Sabemos que “o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (DELORY-MOMBERGER 2012, p. 524). Maria conjuga o presente e o passado em suas narrativas, faz comparações do primeiro momento de sua vida e formação que era marcado pelo cheiro de álcool de folhas ainda aquecidas feitas pelo mimeografo e pelo barulho das teclas das máquinas datilográficas. E também tece um paralelo desta Era que se foi com o que vive os estudantes de hoje da era do xerox, facebook e WhatsApp.

“Acredito que o espaço de construção de conhecimentos é um espaço que nos leva a recolocar as perguntas, afastar a arrogância, reforçar a escuta atenta, mobilizar as inquietudes, reencontrar as dúvidas” (MUSSI 2013, p.51). Perguntas nos vêm no início deste trabalho. Perguntamos-nos sobre como o educador ver estas duas eras relatadas acima? Como o educador se ver nestas duas eras? Em síntese a questão é que fomos formados de um jeito para suprir uma demanda em que temos que formar outras pessoas de uma era que não a nossa, e para um mundo que nós não sabemos como estará configurado ao final de sua formação. E se pensarmos com que perfil de ser humano ele vai encontrar, a situação fica ainda mais complicada e complexa, pois “Os significados que damos ao mundo são produtos de nossa interação com o meio social; logo, são ajustados na coletividade” (D’AVILA, 2003, p. 283). E o professor deve sim se perguntar, pois “a formação do professor é alicerce fundamental para a melhoria da qualidade de ensino. É preciso que o professor compreenda as transformações pelas quais está atravessando o mundo e reconheça a necessidade de a escola acompanhar este processo” (SANTOS, 2003, p. 46).

Convém salientarmos que ao olhar para as narrativas (auto)biográficas desta educadora, olhamos também para nós mesmos. Para nós “São estas trocas de vivências, experiências e informações, ocorridas em grupos heterogêneos, que oportunizam o amadurecimento coletivo” (D’AVILA, 2003, p. 279). São narrativas de vida, são reflexos de um ser que no lampejo de algumas perguntas se desvelou em respostas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca perceber as peripécias de uma história de vida-formação-profissão. Aqui é preciso ressaltar que

Todo relato de vida és, em el fondo, una búsqueda de sentido y una justificación razonable que confirme o cuestion e la trayectoria de vida seguida. Sin desconsiderar la influencia o repercusión que lós acontecimientos de la vida privada y personal del docente tienen em su vida profesional, importa – mirando a su incidência em la mejora – la trayectoria profesional (formación inicial, proceso de socialización e construcción de identidad profesional, itinerários formativos seguidos) (BOLIVAR 2012, p.37).

Elencamos quatro questões para contemplarmos aos objetivos propostos neste trabalho que foi tecer um paralelo entre o passado e o presente desta educadora, percebendo como a mesma fez uso da tecnologia, por hora como estudante, outrora como educadora. Torna-se necessário salientar que utilizamos do aplicativo WhatsApp como ferramenta de pesquisa. Efetuamos a pergunta e solicitamos que a mesma respondesse com o áudio e não de forma digitada.

As tecnologias utilizadas ao longo de sua formação.

Não se trata de uma entrevista propriamente dita de perguntas e respostas. A intenção era de provocar uma narrativa autobiográfica de forma livre em que “a figura do sujeito e de sua identidade se inventa e se recompõe sem cessar” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 39). Ao falar sobre si o sujeito pode se olhar, mostrar o que realmente lhe retrata ou como ele gostaria de ser retratado. O primeiro tema proposto para que a mesma iniciasse sua narrativa foi sobre o uso das tecnologias usadas ao longo de sua formação, tanto por ela, quanto por seus professores. Ao passo que Maria, nossa colaboradora de pesquisa responde,

...eu não me recordo de ter tido esta ferramenta lá na Educação Infantil. Pude ter aulas realmente que o professor pode usar esta metodologia na graduação. Mesmo assim eu observava que nem todos os docentes tinham habilidades, as vezes faltava alguma informação, ou então alguma capacitação, mas infelizmente eu só vir ter realmente aulas como está na graduação”. Isto lá em 2004, 2003, mais ou menos. Bem ... Antes eu não me recordo, as aulas

eram basicamente tradicionais, onde o quadro de giz e a lousa, a lousa e o giz eram subsídios para as aulas. ¹

Podemos perceber nesta narrativa inicial de Maria um misto de questões. Primeiro podemos nos perguntar o que a mesma entende por tecnologia, pois, convém salientar que “O uso de tecnologia no ensino não se reduz a aplicação de técnicas por meio de máquinas, ou “apertar teclas’ e digitar textos, embora possa se limitar a isso, se não houver a reflexão sobre a finalidade de se utilizar os recursos tecnológicos” (SANTOS, 2003, p. 26). Na mesma resposta depois percebemos a sua preocupação com a falta de capacitação do professor para usar as novas tecnologias. Na verdade falta de capacitação acompanhada de muitas resistências em aprender a fazer o uso destas novas tecnologias que temos acesso hoje.

O desafio aqui apontado aos professores é o de dar conta do estilo de conhecimento engendrado pelas novas tecnologias, de modo a fazê-los redimensionar a sala de aula, dotadas de novas tecnologias ou não. Pode-se falar em estilo digital de aprendizagem ou estilo interativo (SILVA, 2003, 266).

Neste mesmo texto Silva 2003 afirma que a mudança não se dará simplesmente com a chegada de novos computadores na instituição. O que vimos como necessário é que urge uma mudança de postura didática do professor. Neste novo modelo “Os sujeitos do ato educativo convivem numa relação absolutamente horizontal, onde quem ensina aprende e aprende também ensina” (DÁVILLA, 2003, p. 277).

Quais as tecnologias que você utiliza hoje?

Para responder a esta pergunta nossa colaboradora dá um salto para dizer de si hoje, de seu ambiente de trabalho, do lugar onde se faz a sua formação continuada com a sua própria prática docente. É caro para nós dizer que “se não reflete sobre si e sobre sua prática, o professor corre o risco, por exemplo, de ensinar ao aluno o que mais sabe, gosta ou estar acostumado a dar, e não o que o aluno precisa” (VASCONCELLOS 2006, p. 106).

¹ Optamos neste trabalho por manter a mesma fonte do texto, embora de forma recuada para darmos maior destaque às falas de nossa colaboradora.

Mais uma vez na elaboração deste texto damos espaço para as narrativas de Maria, “la vida se puede comprender como una narrativa o texto, entendida como um projecto biográfico, que puede ser narrado o leído. Narrar a si mismo o a otros ló que a sido o va ser El projecto personal de vida es una estratégia para construir uma identidad” (BOLÍVAR 2012, p. 34).

Eu, como coordenadora lá da Escola no Município de Cabaceiras procuro utilizar tecnologias que realmente venha auxiliar o professor dando subsídios a ele, para que ele dê uma aula que possa atrair realmente o meu aluno. Por que no contexto atual nós percebemos que há uma necessidade muito grande do professor usar esta ferramenta. Ai a minha mediação é mais a nível de conscientização mesmo. Nos meus momentos com eles, nos meus planejamentos, costumo usar o data show, por exemplo, que é uma ferramenta que auxilia muito. A escola nestes últimos meses acabou adquirindo o WIFI. Então eles tem lá no Luz Divina este material disponível. Nós temos data show, nós temos notebook, nós temos o som, então, isto tudo para ajudar o professor a ter uma metodologia diferente; mas com toda esta conscientização, esta disfunção acerca do uso da tecnologia, até mesmo por conta deste avanço, por que o aluno, ele está na sala de aula, ele está lendo o professor, então exige dele uma maior compreensão disto tudo, mas o que eu observo é que os professores, eles não tem habilidade, eles precisam de uma capacitação, por que muito importante, o importante neste contexto atual que nós vivemos é que o professor, ele tenha esta ferramenta, para de uma certa forma atrair o meu aluno. Por que ele precisa de aulas motivadas, ele precisa de algo novo para realmente atrair a atenção dele, por que o contexto, ele não é um contexto fácil de se lidar, são vários fatores que vem contribuindo para a má formação do aluno, falando assim de letramento e alfabetização.

Qual a diferença que você ver entre os estudantes de seu tempo e os de hoje nesta perspectiva?

É importante perceber que “O saber começa a responder de modo predominante, para atender a um processo contínuo de transformação” (SANTOS, 2003, p. 12). Vivemos em um mundo muito diferente a cada momento. Nossa colaboradora aqui é convidada a tecer uma reflexão sobre o modo de viver dos estudantes de hoje com os alunos de amanhã. Nada muda sozinho, “ao lado da incorporação da tecnologia, cabe-se questionar o modelo de sociedade que se quer construir. Com a palavra, uma outra vez, a nossa colaboradora de pesquisa.

É... Tem uma diferença muito grande, muito grande. No período enquanto discente, nossa! Nós não tínhamos nada, nenhuma ferramenta que se tem hoje. As crianças de hoje, os nossos alunos, eles estão inseridos em uma sociedade, eles fazem parte de uma sociedade que evoluiu, teve um avanço muito grande. Hoje uma criança de dois anos consegue pegar um celular e realizar determinadas funções que o adulto não consegue. É muita facilidade. Então, este avanço desenfreado, vamos dizer assim, que a mudança foi muito rápida, então hoje as crianças estão em outra esfera, em outro nível. Eu não tinha nada do que se tem hoje. Minha ferramenta de estudo era meu caderno, meu lápis, minha caneta. O professor ali simplesmente para transmitir e ali éramos uns meros copiadores, produtores, nós não tínhamos participação ativa em sala de aula, os argumentos não existiam, eu não me recordo se nós tínhamos este momento de discussão. Era muito vago. As aulas eram super tradicional. O professor ali com aquela lousa, aquele giz, aquele quadro e nós alunos ali sentados enfileirados, tendo que obedecer, ouvir. Era assim mais ou menos. Agora hoje, hoje o aluno ta todo diferente, a minha filha mesmo, três anos de idade, ela pega o tablet, ela vai, ela busca, eu quero isto, eu quero assistir, claro que

tem um monitoramento, né? Tem que existir, isto é fundamental, mas ela tem uma habilidade muito aguçada. Mas é perceptível que, mesmo não usando estes recursos que existem hoje, os alunos eram letrados e alfabetizados, isto tenho certeza, mesmo com o mínimo de recurso. Hoje a ampliação é muito grande e nós temos aí uma realidade educacional triste. Das crianças a nível de Bahia que saem do 1º ano alfabetizadas são só 4%. Imagine aí o quantitativo significativo para avanços mínimos.

A riqueza de detalhes das narrativas de Maria ao voltar por sua história de vida faz uma análise muito precisa da realidade. “Nesse encontro dialógico passado e presente se fundem e se enriquece mutuamente (FREITAS, 1998, p. 13). É possível ver neste relato uma constante mudança entre o que ela viveu na sua formação inicial com o que hoje ela observa nos alunos de hoje, na sua própria filha e, conseqüentemente, ver a quantidade de tecnologias que podem ser usadas no cotidiano da escola. Muda-se também a função do professor neste novo cenário pois, “De mero transmissor de saberes, “parceiro” ou “conselheiro”, ele torna-se um formulador de problemas, provocador de situações, arquiteto de percursos, enfim, agenciador da construção de conhecimento na experiência viva de sala de aula” (SILVA, 2003, p. 267). O professor precisa se reinventar a cada dia para suprir esta demanda. Precisa de capacitação cotidiana, mas entendendo que “a educação continuada não se restringe ao sistema formal ou profissional, mas, antes, engloba todas as atividades da vida social que são ou podem ser portadoras de educação”(MENEZES 2003, p. 318). Isto por que sabemos que não se trata de mudanças que aconteceram e estagnaram, mas as mudanças ainda são constantes. Contudo, é preciso salientar que

Sabemos que as modificações não ocorrem por decreto ou mágica, nem de modo acelerado ou superficial, como preconizam algumas das políticas em nossa área. Apostamos nas discussões e construções coletivas, nas formações de redes de aprendizagem e desenvolvimento, apoiando professoras e professores em exercício, na busca constante de caminhos de superação e realização (FONTOURA 2013, p. 30).

Outro fato muito relevante descrito nesta narrativa está a contradição. Na verdade a Educação, no prisma da nossa colaboradora Maria, não evoluiu junto com a tecnologia. “Temos uma realidade educacional triste” é o que ela diz quando trás a tona as dificuldades constantes hoje, por exemplo, na dificuldade do letramento. O arcaico de certa forma dava

conta de ensinar a ler e escrever sem tanta dificuldade. Hoje a criança entra mais cedo na escola, convive com tanto desenvolvimento e as dificuldades primárias como o simples exercício de ler e escrever se torna um “bicho de sete cabeças”. Perguntamos até que ponto sabemos lidar com estas novas tecnologias, pois,

A tecnologia deve ser utilizada na escola para ampliar as opções de didática, com o objetivo de criar ambientes de ensino e aprendizagem que favoreça a postura crítica, a curiosidade, de forma que o aluno possa ter autonomia no seu processo de aprendizagem, buscando e ampliando o conhecimento (SANTOS, 2003, p.26).

Como você espera que seja a educação de seus filhos?

Como notas conclusivas, precisamos salientar que não dá para transcrever na íntegra tudo o que foi dito nas narrativas de nossa colaboradora. Sabemos da fertilidade destas partilhas e reafirmamos a dificuldade para optar para uma fala ou outra. O respeito às narrativas de nossa colaboradora aos poucos foram se fundindo/ entranhando com o tecer da escrita.

Por estarmos epistemologicamente não desfrutando ou aplicando um método positivista, nos sentimos confortáveis em afirmar que

Essa ambição, talvez louca, de atingir as próprias fontes e os modos de efetuação da singularidade individual só pode trilhar os caminhos de uma “hermenêutica da relação” em que o pesquisador empreende, ele também, um “trabalho do sujeito”, tanto quanto o autor do relato, e em interação com ele. Talvez o pesquisador, mesmo quando “armado” de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser “contar” por sua vez aquilo que lhe “contam” os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma ciência “humana” – e é seu tesouro (DELORY-MOMBERGER 2012, p. 535).

De volta à nossa colaboradora, por entender ser ela a principal “personagem”, a protagonista destes escritos, permitimos que ela nos saliente como ela espera que seja a educação de seus filhos.

Esta questão me preocupa muito. Muito por que são tantos fatores que acabam impossibilitando a educação que realmente nós queríamos, como eu queria que fosse, por que é muita influência,

muita discussão nova. Antigamente a mulher era dona do lar, né? Então ela administrava, ela cuidava. Hoje ela tem o trabalho dela, é uma nova roupagem vamos dizer assim, tem outras funções. Então isto tudo acaba comprometendo a educação, não é uma tarefa fácil. Como diz, acho que Rubem Alves, ele diz assim, “se você não está tendo problemas com a educação, é por que não está sabendo educar”. Não é uma tarefa fácil. É muito complexa, por que a sociedade acaba interferindo muito na Educação. Então... eu concebo a Educação doméstica como primordial na vida de uma criança, mas infelizmente o que nós propomos, nós desejamos que realmente fosse colocado em prática, por diversas situações, acaba sendo comprometido, então muitas vezes a educação de seu filho acaba ficando, acaba sendo, se tornado responsabilidade de uma terceira pessoa.

A vida tem suas próprias tramas. Não terminamos o artigo como um outro qualquer onde tentamos fechar com um teor de esperança ou até mesmo com possibilidades para a mudança. Contudo urge aprendermos que “Se nossos estudos perdem de vista o sentido narrativo, portanto construído, instável e efêmero das narrativas de memória, então temos que repor nossas concepções sobre passado e verdade, na intersecção com a memória e as histórias (STEPHANOU 2008, p. 29). Concluimos com muitas perguntas, tantas inquietações e com nenhuma pretensão de certeza

Referências:

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de La investigación (auto)biográfica. In: ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto e PASSEGI, Maria da Conceição. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB; Porto Alegre EdiPUCRS, 2012, p. 27 – 69. (Tomo I)

Delory - Momberger, Cristine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. Dez 2012, vol. 17, no. 51, p. 523 – 536.

D'AVILA, Cristina Maria. Pedagogia Cooperativa e Educação a distância; Uma aliança possível. **Revista da FAEEBA**. Educação e contemporaneidade, Salvador, v.12, n.20p.273-285, jul/dez,2003.

FREITAS, Maria Tereza. (Org.). **Vygotsky: Um século depois**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.

MENEZES, Cecília Maria de Alencar. Educação Continuada de Educadores: Superando ambiguidades conceituais. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, vol. 12. n° 20, p. 311 – 320, jul./dez., 2003.

MUSSI, Amali de Angelis. A formação do professor atuação na educação básica: diálogos acerca das propostas formativas na perspectiva da profissionalidade docente. IN PIMENTEL, Susana Couto; LOPES, Adriana Lourenço; SOUZA, Leila Damiana Almeida dos Santos. **Formação de professores: Políticas, saberes e práticas**. Feira de Santana, Shekinah, 2013.

SANTOS, Maria Lúcia. **Do Giz à era digital**. São Paulo: Zouk, 2003.

SILVA, Marcos. Educação na cibercultura: o desafio comunicacional do professor presencial e online. **Revista da FAEEBA**. Educação e contemporaneidade, Salvador, v.12, n.20p.261-271, jul/dez,2003.

STEPHANOU, Maria. Jogos de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e políticas das práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de e PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008, PP. 19/53.